

Carta-convite Entre o quintal e o mundo

*Daquilo que sabes conhecer e medir,
é preciso que te despeças, pelo menos por um tempo.
Somente depois de teres deixado a cidade,
verás a que altura suas torres se elevam acima das casas.*
(Nietzsche)

Cada um de nós tem seu “infinito particular”, cantou Marisa Monte, e a psicanálise, ao tomar os processos inconscientes como objeto de investigação, contribui muito para que, com base na escuta, possamos reconhecer e explorar os nossos vastos mundos psíquicos. Colabora também para pensar como as dinâmicas e a energia psíquicas podem ficar por vezes aprisionadas em torno de conflitos comezinhos, ensimesmados na miséria neurótica empobrecedora e desvitalizante. Foi Winnicott (1951) quem reconheceu que o mundo com sentido se dá no “espaço entre”, uma zona transicional que une e separa o dentro e o fora, e constrói o quintal investido: o playground.

Mas “meu quintal é maior que o mundo”, dizia Manoel de Barros, certamente ciente de que o mundo é bem mais extenso do que qualquer quintal. Assim, também são infinitos os perímetros possíveis para fora de nós mesmos.

Entre o mundo intrapsíquico, que permite o refúgio valioso para a constituição de fantasias, devaneios e pensamentos, e os diversos mundos compartilhados que podemos habitar, sempre é possível erguer paredes, muros e torres, defensivos e frágeis. Entre esses dois mundos também podemos construir pontes, túneis e acessos, que permitem trocas e enriquecimentos. Perguntamo-nos, então, qual o lugar da psicanálise, como prática, teoria e instituição, na abertura desses caminhos?

Embora Freud seja o autor de “O mal-estar na civilização” (1930/2010), “O futuro de uma ilusão” (1927/2014) e outros textos que dialogam com o *Zeitgeist* e os fenômenos do mundo, a psicanálise e os psicanalistas muitas vezes se perguntam como incluir em sua escuta os acontecimentos e fenômenos culturais – alguns bastante barulhentos, a propósito. Desde que a psicanálise se constituiu como campo, o mundo atravessou eventos contundentes na política, na economia, nas relações de poder,

nas relações com a natureza, na tecnologia, nos costumes. Situações extremas, como a imposição de regimes totalitários e modelos antidemocráticos, puseram as instituições psicanalíticas na situação de serem cobradas por posições mais claras em relação a esses fenômenos, que, desde Freud, são objeto de investigação. Os questionamentos mais amplos aos modos de dominação e exclusão de determinadas populações (desigualdade, racismo, sexismo) são incorporados nas provocações: o quanto eles marcam as teorias? Como participam da constituição subjetiva? Como a prática clínica pode se desvincular de uma reprodução acrítica e pouco inventiva para reconhecer a articulação entre interior e exterior? Lacan (1957-1958) foi quem ofereceu à psicanálise a imagem topográfica da banda de Moebius, que, assim como a garrafa de Klein, é uma superfície não orientável, que funciona para pensar o continuum entre o dentro e o fora e a artificialidade dessas separações.

As noções de abstinência e de neutralidade passaram a ser cada vez mais tensionadas pela concepção de implicação ética da psicanálise, e os psicanalistas e suas instituições são chamados a examinar sua posição como parte de um mundo maior do que seu quintal. Ou, quem sabe, o quintal, no sentido da área investida, que esteve encolhido e estreito, é solicitado a se expandir e ampliar sua área de abrangência?

Talvez ela [a psicanálise] sofra por ser demasiado forte, e não demasiado fraca, tão forte, que nós analistas não a conseguimos manejar adequadamente e ficamos a repetir modelos já assegurados, só de raro em raro ensaiando uma psicanálise original em área nova. (Herrmann, 2001, p. 23)

Com esse estímulo, o *Jornal de Psicanálise* propõe abrir um debate sobre as ligações entre a psicanálise e o mundo, e sobre os riscos de, por um lado, olharmos o mundo do alto de uma torre, da qual mantemos a ilusão de isenção e distância, desafetados por seus destinos e desimplicados em participar dele. E de, por outro, tomarmos as falas daqueles a quem escutamos desvinculadas de seu contexto histórico e de sua poética, ignorando os esforços dos sujeitos para nomear, simbolizar, defender-se e elaborar conflitos não previstos pela teoria.

Cabe, ainda, questionar de quais formas pode o psicanalista contribuir de maneira interessante num debate cultural mais amplo, mantendo a especificidade do seu campo? Como pensar a neutralidade e a abstinência do psicanalista e suas instituições diante de momentos históricos turbulentos e

de movimentos culturais ruidosos? Como manter as quatro paredes do consultório garantindo que suas portas e janelas façam circular o ar que vem das ruas, e façam lembrar que o paciente da análise e o analista são os mesmos que habitam os espaços públicos e são constituídos por eles? Que papel têm ou podem ter os institutos de formação para contribuir com a construção de pensamento crítico nessa direção? Do ponto de vista dos institutos de formação, escolher não abordar certos temas não seria uma maneira de formar numa certa direção?

Convidamos os autores a escreverem suas reflexões em torno do tema “Entre o quintal e o mundo”, em artigos a serem encaminhados para avaliação até a data-limite de 14/2/2023. Lembramos que também serão aceitos artigos não temáticos e que as normas para publicação se encontram ao final de cada número do *Jornal* ou em [normas- portugues.pdf](https://normas-portugues.pdf) (sbpsp.org.br).

Referências

- Antunes, A.; Brown, C.; Monte, M. (2006). Infinito particular. In M. Monte, *Infinito particular* (álbum). EMI.
- Barros, M. de. (2015). *Meu quintal é maior que o mundo – Antologia*. Alfaguara.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-123). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17, pp. 231-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Herrmann, F. (2001). *O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose. In J. Lacan, *Escritos*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Nietzsche, F. (1978). Humano, demasiado humano 2. *Col. Os Pensadores*. Abril Cultural.
- Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*.

Editora: Berta Hoffmann Azevedo

Editor associado: Ricardo Trapé Trinca

Equipe editorial: Bruno Profeta Guimarães Figueira, Cibele Amaro Pires Rays, Claudia Amaral Mello Suannes, Cristiana Tiradentes Boaventura, Denise Salomão Goldfajn, Gizela Turkiewicz, Helena Cunha Di Ciero, Ludmila Y. Mafra Frateschi e Luiz Moreno Guimarães Reino